

Produção Científica dos Docentes do Curso Médico da Universidade de Pernambuco - Um Estudo Exploratório

Scientific Output by Medical School Faculty at the University of Pernambuco, Brazil: A Preliminary Study

Frederico Guilherme de Paula Lopes Santos¹
Maria Helena Kovacs¹
Raul Antonio de Moraes Melo¹
Renata Carneiro Isidoro Beltrão¹
Roberta Ribeiro de Santis Santiago¹
Sílvia Azevedo de Alencar¹
Sílvia Wanick Sarinho¹
Tânia Lago Falcão¹

PALAVRAS-CHAVE

- Docentes de Medicina;
- Projetos de Pesquisa;
- Apoio à Pesquisa.

KEY-WORDS

- Faculty, Medical;
- Research Design;
- Research Support.

Recebido em: 14/11/2003

Reencaminhado em: 17/12/2004

Reencaminhado em: 05/01/2005

Aprovado em: 11/05/2005

RESUMO

Objetivo: caracterizar o desenvolvimento de pesquisas pelos docentes do curso médico da Universidade de Pernambuco (UPE). *Material e método:* estudo descritivo, censitário, com 246 docentes da Faculdade de Ciências Médicas e do Instituto de Ciências Biológicas. Quatro alunos de iniciação científica utilizaram dois instrumentos para coleta; as questões abertas foram submetidas a análise de conteúdo. *Resultados:* 74,4% desses docentes eram professores, 47,1% especialistas, 34,5% mestres e 14,2% doutores; 82,5% já realizaram pesquisa, 51,2% com iniciação científica. De janeiro de 1999 a agosto de 2002, 68,3% desenvolveram pesquisa, 48,8% com iniciação científica; 48,3% referiram falta de financiamento como o maior obstáculo; apenas 30,9% tiveram financiamento, sendo o CNPq a principal fonte (42,3%). O interesse científico motivou pesquisas (76,8%), esperavam fazer descobertas científicas (53,0%) e adquirir novos conhecimentos (41,7%). Metade dos projetos divulgou seus resultados, sobretudo em eventos científicos nacionais. *Conclusões:* é preciso estimular as potencialidades da UPE para que constitua um recanto privilegiado de interação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem-pesquisa.

ABSTRACT

The objective of this article was to characterize the development of research by the medical school faculty at the University of Pernambuco (UPE), Brazil. This was a descriptive survey with a total of 246 faculty members (professors and instructors) at the School of Medicine and Institute of Biological Sciences. Four first-year science fellows used two instruments for the survey. The open questions were submitted to a content analysis. Of the faculty members, 74.4% had professor status, 47.1% were specialists, 34.5% had Master's degrees, and 14.2% were PhDs; 82.5% had conducted research, 51.2% of whom with science initiation grants. From January 1999 to August 2002, 68.3% conducted research, 48.8% with science initiation grants; 48.3% reported lack of funding as the main obstacle to conducting research; only 30.9% received funding, with

the National Research Council (CNPq) as the main source (42.3%). Motivations for the research included scientific interest (76.8%), the expectation of making scientific discoveries (53.0%), and the hope of acquiring new knowledge (41.7%). Half of the projects had their results disseminated, especially at national scientific events. The authors conclude that it is necessary to stimulate the potentialities at UPE in order for it to become a prime center for faculty-study interaction in the teaching-learning-research process.

INTRODUÇÃO

A formação do profissional médico é um processo extremamente complexo que não está restrito apenas ao âmbito da escola médica, mas vinculado a inúmeros fatores, como os processos de trabalho em saúde, as condições de articulação da academia com os serviços, a intervenção do Estado e os paradigmas pedagógicos, entre outros¹. Assim o ensino médico não é a mera transmissão de conhecimento, mas o desenvolvimento da capacidade de se fazer profissional tecnicamente competente, crítico e atuante, por meio da reconstrução do conhecimento, da exploração das potencialidades e da criação de alternativas para responder às necessidades que permeiam a prática cotidiana. Entre ensino e pesquisa existe uma relação estreita, pois, como afirma Freire²

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Ao mesmo tempo em que deve fazer parte da formação do professor, a pesquisa deve constituir uma atividade básica da formação do aluno³. A iniciação científica, a nosso ver, cumpre importante papel porque estimula a reflexão crítica sobre a prática, por meio de sua captação sistemática, da busca de maior profundidade nas explicações, do desenvolvimento da capacidade de contra-argumentação, preparando o caminho para que os futuros profissionais possam lidar de modo criativo com a rigorosidade metódica, aspecto essencial para traçar maior aproximação com as necessidades de saúde e as respostas frente a elas. Além do mais, a interação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem-pesquisa propicia o aprimoramento e a emergência de novas linhas de pesquisa. Nesse contexto é relevante a disponibilidade das

atividades de iniciação científica nas instituições formadoras. Apesar de a cobertura ainda ser restrita, considerando-se o contingente de alunos na graduação, tem havido nas últimas décadas um crescimento do Programa de Iniciação Científica no País, treinando mais de 30 mil jovens a cada ano⁴. Entretanto, não tem sido fácil construir uma formação que seja recanto privilegiado para a aprendizagem crítica do exercício, simultaneamente técnico e social, do trabalho médico.

Mais uma vez, na década de 1990, os impasses na articulação entre educação e prática profissional levaram à constatação de que o ensino médico brasileiro é inadequado para dar conta das demandas sanitárias e sociais do País. Em um esforço conjunto, instituições brasileiras que têm como propósito subsidiar a transformação da prática médica constituíram a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem)⁵, que realizou um levantamento sobre a situação do ensino médico no País, com o propósito de identificar as necessidades relacionadas à formulação de propostas de reforma educacional capazes de melhorar a adequação de conhecimentos e habilidades na formação dos novos médicos.

Nesse estudo da Cinaem, o corpo docente foi reconhecido como um dos elementos centrais para o êxito das reformulações que deveriam ser efetivadas no sistema educacional em questão. Ficou também demonstrado que, no Brasil, a docência médica configura-se como atividade complementar ou secundária ao trabalho médico. A grande maioria dos docentes estudados é constituída por profissionais com residência médica, com poucos tendo se especializado em educação. Embora se reconheçam a dedicação e a competência da maior parte desses profissionais, as recomendações atuais para a constituição de corpo docente prescrevem como ideal a aquisição de titulação em mestrado e doutorado.

Reiterando esses resultados, outro estudo realizado para caracterizar o perfil dos médicos brasileiros identifica a escassez de profissionais com pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, o pequeno número de médicos-mestres e médicos-doutores capacitados para o desenvolvimento de pesquisa⁶. Embora, em 2001, 21% do total de 1.812 programas de pós-graduação oferecidos no Brasil abrangessem as áreas de medicina, saúde coletiva, odontologia e ciências biomédicas⁴. Esta situação parece retratar a falta de formulação de políticas de produção científica na área médica⁷ em nosso país, contrariamente ao que acontece em nível mundial, resultando em prejuízo do conhecimento próprio e da formação do aluno⁶.

Vale ressaltar que os países mais desenvolvidos investem de 2% a 3% de seu PIB (Produto Interno Bruto) em Ciência e Tecnologia, ou seja, de três a cinco vezes mais do que o que se tem feito no Brasil nos últimos anos. Apesar dessas limita-

ções, registra-se um acentuado aumento da produção científica no País nas últimas décadas, guardando relação direta com a expansão do programa nacional de pós-graduação, no qual é significativa a participação das áreas médica e biomédica, principalmente no quinquênio 1997-2001, representando 36% da produção total. Comportamento semelhante também foi observado na produção mundial⁴. A profissionalização dos docentes, incluindo capacitação pedagógica, remuneração adequada e estímulo à realização de pesquisas científicas, além da dotação dos serviços de infra-estrutura mínima para pesquisa são elementos indispensáveis à conformação de educadores qualificados para ensinar aos estudantes de graduação e pós-graduação em medicina^{8,9}.

Neste contexto, o incremento da produção científica da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade de Pernambuco constitui uma preocupação recente, advinda da necessidade de atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases do Ministério da Educação, promulgada em 1996¹⁰. No momento, este é ainda resultado do programa de capacitação docente e da expansão das atividades de pós-graduação da FCM, com a implantação de novos cursos de especialização e de dois mestrados. Em uma evidência das contradições que permeiam este processo de institucionalização da pesquisa, são marcantes as restrições dos órgãos de fomento, cujas exigências para financiamento, em especial no que se refere à produção científica, priorizam os grupos de pesquisa consolidados em detrimento dos emergentes. Estas limitações também se refletem no acesso às bolsas de iniciação científica.

Com o propósito de ampliar a inserção dos alunos em projetos de pesquisa, incentivando talentos entre estudantes de graduação e fortalecendo as linhas de pesquisas institucionais, a FCM tomou algumas iniciativas, como a instituição de horários livres no novo currículo em fase de implantação, a transferência de recursos atualmente aplicados em bolsas de monitorias para bolsas de iniciação científica e a criação do Programa de Apoio às Atividades de Iniciação Científica. Este programa, iniciado em 2000 com os objetivos de qualificar e fomentar as atividades nessa área, oferece cursos introdutórios de metodologia científica e, desde 2001, mantém um sistema de acompanhamento e suporte que visa identificar e ajudar na solução de dificuldades relacionadas à realização dos projetos¹¹.

Desse modo, torna-se particularmente importante caracterizar o desenvolvimento de pesquisas pelos docentes da FCM e do ICB, ressaltando aspectos relativos a acesso a financiamento, inserção de alunos de iniciação científica, produção científica, e motivações, expectativas e percepções dos obstá-

culos para concretização dessas atividades. Espera-se que este estudo contribua para identificar êxitos e fracassos deste processo de institucionalização da pesquisa, ampliando as chances de os sucessos se repetirem, diversificarem e multiplicarem.

MATERIAL E MÉTODO

Estudo descritivo, de corte transversal, censitário, realizado de março a setembro de 2002 na Faculdade de Ciências Médicas e no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco, com a participação de 246 professores e preceptores do total de 274 docentes que exercem suas atividades até o 9º período do curso médico. Os 28 professores que não participaram, representando 11,4% de perdas, estavam cedidos a outras instituições ou se aposentaram no período de operacionalização do trabalho de campo. O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco, de acordo com o parecer nº 080/01, emitido em 20 de fevereiro de 2002. O trabalho foi desenvolvido respeitando os aspectos éticos estabelecidos por esse Comitê.

A coleta de dados foi feita por quatro estudantes de Medicina, como parte das atividades de iniciação científica, com a utilização de dois instrumentos: a) um questionário padronizado que abrangeu a titulação do docente, vínculo com a universidade, unidade e departamento de origem, participação em pesquisa, orientação na iniciação científica, número e fontes de financiamento dos projetos realizados e divulgação dos resultados; e b) um roteiro estruturado com perguntas abertas que permitiu uma aproximação das expectativas e motivações para orientar pesquisas e dos obstáculos para sua execução. Os dados referem-se à produção científica do período de janeiro de 1999 a agosto de 2002.

Na análise dos dados quantitativos foi realizada a distribuição de frequência absoluta e relativa por categorias de respostas das variáveis estudadas. As respostas às perguntas abertas foram submetidas às técnicas de análise de conteúdo preconizadas por Bardin¹². Assim, foi realizada leitura cuidadosa para apreender e mapear os "núcleos de sentido" emergentes. Os temas que convergiam para um significado comum, com base nos critérios de "homogeneidade interna", foram classificados em uma mesma categoria; simultaneamente, buscou-se garantir que as diferenças entre as distintas categorias fossem nítidas e claras, isto é, que houvesse "heterogeneidade externa". Para aumentar a confiabilidade da avaliação, afinando as possíveis divergências de interpretação, recorreu-se ao trabalho de três avaliadores. A análise temática foi encaminhada para a contagem de frequência das unidades de significação, e estas variáveis dicotômicas foram introduzidas na matriz de dados construída com o programa Epi-info 6.04.

TABELA 1
Distribuição dos docentes entrevistados segundo os Departamentos da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, Recife, 2002

Unidade/Departamento	Professores (n = 183)		Preceptores (n = 58)		Docentes outras instituições (n = 5)	
	n	%	n	%	n	%
FCM: Clínica Cirúrgica	27	14,7	12	20,7	3	60,0
Clínica Médica	67	36,6	32	55,2	2	40,0
Materno-Infantil	35	19,1	6	10,3	-	-
Medicina Social	11	6,0	5	8,6	-	-
ICB: Patologia	12	6,6	2	3,5	-	-
Biologia	7	3,8	-	-	-	-
Ciências Fisiológicas	11	6,0	-	-	-	-
Ciências Morfológicas	12	6,6	1	1,7	-	-
Ciências Sociais	1	0,6	-	-	-	-

RESULTADOS

Dos docentes entrevistados, 74,4% eram professores, 23,6% preceptores e 2,0% professores de outras instituições (Tabela 1). Cerca de 81,3% pertenciam à Faculdade de Ciências Médicas, sendo a maior proporção constituída por professores e preceptores vinculados ao Departamento de Clínica Médica e ao Departamento Materno-Infantil. A inserção de docentes de outras instituições foi observada apenas nos Departamentos de Clínica Cirúrgica e Clínica Médica daquela unidade de ensino. Praticamente todos os docentes do Instituto de Ciências Biológicas eram professores, e a maior parte

deles exercia suas atividades nos Departamentos de Patologia e Ciências Morfológicas.

A Tabela 2 mostra que 43,5% desses docentes eram do sexo feminino, delineando-se entre os preceptores uma predominância das mulheres (53,4%) em relação aos homens (46,6%). A distribuição etária estava concentrada entre 40 e 49 anos, mas era importante a participação do grupo de 50 a 59 anos. Em geral, aqueles com 60 e mais anos de idade eram professores. Cerca de 47,1% tinham título de especialista, muito mais freqüente entre os preceptores (79,3%), 34,5% de mestre, em uma proporção 3,5 vezes maior entre os professores

TABELA 2
Sexo, idade e titulação dos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, Recife, 2002

Variáveis	Professores n = 183		Preceptores n = 58		Docentes outras instituições n = 5	
	n	%	n	%	n	%
Sexo						
Feminino	75	41,0	31	53,4	1	20,0
Masculino	108	59,0	27	46,6	4	80,0
Idade						
20 - 29	2	1,1	-	-	-	-
30 - 39	24	13,2	15	25,9	2	40,0
40 - 49	84	46,2	24	41,4	2	40,0
50 - 59	54	29,7	18	31,0	1	20,0
60 e mais	18	9,8	1	1,7	-	-
Titulação						
Especialização	67	36,6	46	79,3	3	60,0
Mestrado	77	42,1	7	12,1	1	20,0
Doutorado	33	18,0	2	3,4	-	-
Pós-doutor	3	1,6	3	5,2	-	-
Livre-docente	1	0,6	-	-	1	20,0
Sem pós-graduação	2	1,1	-	-	-	-

TABELA 3
Experiência em pesquisa dos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, Recife, 2002

Variáveis	Professores		Preceptores		Docentes outras instituições	
	n	%	n	%	n	%
Já participou de alguma pesquisa?						
Sim	152	83,1	47	81,0	4	80,0
Não	31	16,9	11	19,0	1	20,0
Total	183	100,0	58	100,0	5	100,0
Pesquisa incluía alunos de iniciação científica?						
Sim	104	68,4	20	42,5	2	50,0
Não	48	31,6	27	57,5	2	50,0
Total	152	100,0	47	100,0	4	100,0
Tem interesse em vir a participar de pesquisas?						
Sim	22	71,0	11	100,0	-	-
Não	9	29,0	-	-	1	100,0
Total	31	100,0	11	100,0	1	100,0

(42,1%) quando comparados aos preceptores (12,1%), e 14,2% de doutor, com quase todos fazendo parte do quadro de professores. Era constituído por professores o pequeno percentual dos que não cursaram pós-graduação.

A Tabela 3 informa que 82,5% dos docentes já haviam participado de alguma pesquisa, em 51,2% das quais tinham sido incluídos alunos de iniciação científica; esta inserção foi maior nos projetos desenvolvidos pelos professores (68,4%) do que naqueles realizados pelos preceptores (42,5%) e docentes de outras instituições (50%). Aproximadamente 79,0% dos que nunca participaram de uma pesquisa expressaram o desejo de vir a participar, mas uma importante parcela de professores deixou patente o desinteresse em relação a esta atividade.

Quanto ao desenvolvimento de pesquisas pelos docentes entre janeiro de 1999 e agosto de 2002, 31,7% não participaram de nenhum projeto (Tabela 4). Entre os que participaram, observou-se maior proporção de professores (73,3%) quando comparados aos preceptores (50%) e docentes de outras instituições (60%). Os professores também realizaram maior número de pesquisas nesse período. Cerca de 48,8% incluíram alunos de iniciação científica, sendo mais comum esta inserção entre os professores (54,7%) em relação aos preceptores (24,1%). A maior parte desses projetos foi desenvolvida no Hospital Universitário Oswaldo Cruz, em especial no caso dos preceptores, e em outras instituições de ensino do estado, sobretudo na Universidade Federal de Pernambuco. Os consultórios/laboratórios privados e o Centro Integrado de Saú-

de Amaury de Medeiros constituíram também locais importantes para a realização de pesquisas.

Conforme a Tabela 5, 86,3% dos docentes identificaram algum tipo de obstáculo à realização de pesquisas no período mencionado, entre os quais se destacaram: falta de financiamento, pouca disponibilidade de tempo, falta de colaboração da equipe e falta de infra-estrutura material. Apenas 30,8% desses projetos tiveram financiamento, com os professores informando maior acesso a fontes financiadoras (33,6%) do que os preceptores (20,7%) (Tabela 6). Entre as pesquisas financiadas, 28,3% contaram com duas ou mais fontes. A grande maioria dos professores recebeu financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), do Fundo de Desenvolvimento à Pesquisa e à Extensão (FDPE/UPE) e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe), enquanto uma proporção maior de preceptores foi financiada pela indústria farmacêutica.

O interesse científico constituiu a principal motivação para o desenvolvimento de pesquisas, aparecendo em uma frequência 5,9 vezes maior do que a segunda colocada, o enriquecimento do currículo (Tabela 7). O compromisso social foi citado por um pequeno número de professores. As expectativas frente às pesquisas estavam direcionadas principalmente para as possibilidades de fazer novas descobertas científicas e obter novos conhecimentos, inclusive sobre os métodos científicos. Os professores, em particular, também esperavam poder contribuir para o processo de transformação social e de melhoria dos serviços de saúde.

TABELA 4

Desenvolvimento de projetos de pesquisas pelos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, de janeiro de 1999 a agosto de 2002

Variáveis	Professores		Preceptores		Docentes outras instituições	
	n	%	n	%	n	%
Número de pesquisas desenvolvidas por pesquisador no período						
Nenhuma	46	25,2	29	50,0	3	60,0
1	39	21,3	9	15,5	-	-
2	31	16,9	12	20,7	-	-
3	24	13,1	2	3,4	1	20,0
4 e mais	43	23,5	6	10,4	1	20,0
Total	183	100,0	58	100,0	5	100,0
Pesquisadores incluíram alunos de iniciação científica						
Sim	75	54,7	7	24,1	-	-
Não	62	45,3	22	75,9	2	100,0
Total	137	100,0	29	100,0	2	100,0
Locais em que desenvolveram os projetos:						
Hospital Universitário Oswaldo Cruz/UPE	51	37,2	18	62,1	1	50,0
Centro Integrado de Saúde Amaury Medeiros/UPE	19	13,9	1	3,4	-	-
Instituto de Ciências Biológicas/UPE	13	9,5	1	3,4	-	-
Faculdade de Ciências Médicas/UPE	11	8,0	-	-	-	-
Outras instituições de ensino no estado	42	30,6	1	3,4	-	-
Consultório/laboratório privado	21	15,3	1	3,4	-	-
Rede de serviços públicos	13	9,5	1	3,4	1	50,0
Outra universidade fora do estado	10	7,3	1	3,4	-	-
Outros	25	18,2	5	17,2	-	-

TABELA 5

Obstáculos identificados pelos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE para o desenvolvimento dos projetos de pesquisas, de janeiro de 1999 a agosto de 2002

Variáveis	Professores		Preceptores		Docentes outras instituições	
	n	%	n	%	n	%
Identificou obstáculos para a realização do projeto						
Sim	118	86,1	25	86,2	2	100,0
Não	19	13,9	4	13,8	-	-
Total	137	100,0	29	100,0	2	100,0
Principais obstáculos						
Falta de financiamento	59	50,0	10	40,0	1	50,0
Pouca disponibilidade de tempo	34	28,8	10	40,0	-	-
Falta de colaboração da equipe	15	12,7	4	16,0	-	-
Falta de infra-estrutura material	13	11,0	-	-	-	-
Entraves burocráticos	7	5,9	-	-	-	-
Carência de recursos humanos	5	4,2	-	-	-	-
Problemas no Serviço de Arquivo Médico	5	4,2	4	16,0	-	-
Outros	14	11,9	2	8,0	1	50,0

TABELA 6
Fontes de financiamento dos projetos de pesquisa desenvolvidos, no período de janeiro de 1999 a agosto de 2002, pelos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE

Variáveis	Professores		Preceptores		Docentes outras instituições	
	n	%	n	%	n	%
Teve financiamento para desenvolver projeto:						
Sim	46	33,6	6	20,7	-	-
Não	91	66,4	23	79,3	2	100,0
Total	137	100,0	29	100,0	2	100,0
Número de fontes financiadoras:						
1	33	71,7	6	100,0	-	-
2	11	23,9	-	-	-	-
3 e mais	2	4,4	-	-	-	-
Total	46	100,0	6	100,0	-	-
Fontes financiadoras:						
Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)	21	45,6	1	16,7	-	-
Fundo de Desenvolvimento à Pesquisa e à Extensão (FDPE/UPE)	18	39,1	1	16,7	-	-
Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE)	13	28,3	-	-	-	-
Indústria farmacêutica	4	8,7	2	33,3	-	-
Outros	7	15,2	2	33,3	-	-

Os projetos desenvolvidos tiveram seus resultados divulgados por meio da publicação (52,6%) e da apresentação de trabalhos (49,1%) (Tabela 8). Os trabalhos foram publicados, principalmente, em anais dos eventos científicos nacionais e, com frequência bastante menor, em periódicos nacio-

nais e internacionais. Apenas um trabalho foi publicado na internet. O meio mais utilizado de divulgação foi a apresentação em eventos científicos nacionais. Foi muito pequena a divulgação de resultados em eventos organizados para a comunidade.

TABELA 7
Motivações e expectativas sobre o desenvolvimento de pesquisas pelos docentes da Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, Recife, 2002

Variáveis	Professores n=137		Preceptores n=29		Docentes outras instituições n=2	
	n	%	n	%	n	%
Motivações para realizar pesquisas:						
Interesse científico	105	76,6	22	75,9	2	100,0
Enriquecimento do currículo	17	12,4	4	13,8	1	50,0
Reconhecimento no meio acadêmico	13	9,5	2	6,9	-	-
Formação do aluno/residente	8	5,8	1	3,4	-	-
Compromisso social	4	2,9	-	-	-	-
Outras	12	8,7	2	6,9	-	-
Expectativas frente às pesquisas:						
Novas descobertas científicas	70	51,1	17	58,6	2	100,0
Obtenção de novos conhecimentos	56	40,9	14	48,3	-	-
Aprendizado de métodos científicos	27	19,7	3	10,3	-	-
Melhorar serviços de saúde	7	5,1	1	3,4	-	-
Transformação social	7	5,1	-	-	-	-
Divulgação do método científico	4	2,9	-	-	-	-
Conhecer a realidade local	2	1,4	1	3,4	-	-
Outras	3	2,2	-	-	-	-

TABELA 8

Distribuição da produção científica do período de janeiro de 1999 a agosto de 2002, segundo a forma de divulgação.
Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Ciências Biológicas/UPE, Recife, 2002

Divulgação	N=556	
	n ^o	%
Publicações:		
Anais de eventos científicos internacionais	30	5,4
Anais de eventos científicos nacionais	124	22,3
Anais de eventos científicos regionais	40	7,2
Periódicos internacionais	42	7,6
Periódicos nacionais	44	7,9
Periódicos regionais	11	2,0
Internet	1	0,2
Apresentações:		
Anais de eventos científicos internacionais	35	6,3
Anais de eventos científicos nacionais	168	30,2
Anais de eventos científicos regionais	51	9,2
Eventos para a comunidade	19	3,4

DISCUSSÃO

Na comparação do perfil de titulação dos docentes do curso médico da Universidade de Pernambuco com os docentes de outras instituições de ensino da Região Nordeste, adquirem relevância a alta frequência de especialistas e o pequeno número de mestres e doutores existentes nesta. A Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, possui, entre seus docentes efetivos, 46,7% de doutores, 34,3% de mestres e apenas 9,4% de especialistas¹³. Apesar do destaque, em 2001, da oferta de pós-graduação na área médica no Brasil – cerca de 10% em relação aos programas recomendados pela Capes em todas as áreas¹ –, a implantação mais tardia de um plano de capacitação docente na UPE, associada a maior concentração das bolsas para pós-graduação *stricto sensu* na Região Sudeste¹⁴, certamente justifica esta defasagem. Como, nos últimos anos, muitos docentes vêm realizando cursos de mestrado e doutorado, em futuro próximo a UPE poderá contar com maior número de professores e preceptores titulados.

Embora quatro quintos dos docentes já tenham participado ao menos de um projeto de pesquisa, apenas a metade destes havia incluído alunos de iniciação científica. A pequena participação de alunos mantém-se inalterada ao longo do tempo, revelando uma lacuna entre as atividades de investigação científica e a formação do futuro médico. A constituição de grupos de pesquisa, ao invés de pesquisadores com produção individual, poderá ampliar a inserção de acadêmicos. Aqui desempenham papel fundamental os órgãos de fomento como um estímulo a mais aos alunos. A referência residual à forma-

ção do aluno/residente como elemento que motivaria a realização de pesquisas vem apenas reforçar a percepção de que professores e preceptores ainda não se deram conta de que esta atividade é parte fundamental do processo de formação do aluno. A idéia da dissociação entre ensino e pesquisa persiste quando parte dos professores que nunca participaram de qualquer pesquisa deixou clara a falta de interesse em vir a participar. É necessário destacar que o contexto institucional da UPE ainda prioriza as atividades assistenciais em detrimento da pesquisa.

A falta de financiamento foi o principal obstáculo mencionado pelos docentes, o que é uma realidade para o País. Os recursos, além de insuficientes frente às necessidades, em grande parte estão desvinculados de um critério racional de prioridades, sobretudo devido à desarticulação entre os financiadores principais⁷. Além disso, freqüentemente os resultados das investigações não acarretam mudanças no sistema de saúde, havendo necessidade de maior integração entre pesquisadores e usuários dos resultados da pesquisa¹⁵. Assim, cerca de dois terços dos projetos de docentes da FCM não contaram com uma fonte financiadora. Há que levar em conta também o número reduzido de bolsas de produtividade em pesquisa, que constituem um estímulo ao docente, destinadas à Região Nordeste, em relação a outras regiões do Brasil – das 7.461 bolsas oferecidas em 2000, o CNPq destinou, respectivamente, 8,94% e 70,94% às Regiões Nordeste e Sudeste¹³.

A inadequada titulação dos docentes, as deficiências na infra-estrutura – como demonstra a crise dos hospitais de ensino no Brasil⁷ –, a carência de grupos de pesquisa produtivos e de professores disponíveis para serem orientadores potencializam as dificuldades para obtenção de recursos. Ilustrando essa realidade, no período de 2001 a 2003, a Universidade de Pernambuco não aparece no *ranking* de investimento do CNPq no fomento à pesquisa, devendo ter sido incluída no grupo das 450 instituições que, reunidas, receberam 5% dos recursos. Paralelamente, a Universidade Federal de Pernambuco ocupa a 13ª colocação, tendo recebido 1,74% do montante total aplicado¹⁶. Não por acaso, entre janeiro de 1999 e agosto de 2002, o Fundo de Desenvolvimento à Pesquisa e à Extensão¹⁷, órgão da própria UPE, responde por 39,1% dos financiamentos, todos correspondendo a bolsas de iniciação científica.

A mais importante motivação para os docentes realizarem pesquisas foi o interesse científico, mas também foram citadas as intenções de enriquecer o currículo e alcançar reconhecimento no meio acadêmico. Estes dois últimos motivos podem estar sendo alimentados pelas atuais exigências dos órgãos financiadores e reguladores das políticas de ciência e tecnologia no País, a exemplo da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior) e do CNPq, que vêm

estabelecendo um conjunto cada vez mais rígido de critérios para avaliar a produção científica nacional¹⁸. Assim, para avaliação da pós-graduação na área médica, a Capes estabelece a publicação trienal pelo corpo docente de cada curso de, no mínimo, três artigos em periódicos qualis A ou internacional. Há que considerar que alguns docentes que não estão vinculados à pós-graduação na UPE podem ter esta vinculação em outras instituições de ensino.

No que se refere à divulgação dos resultados das pesquisas realizadas no período abrangido neste estudo, cerca da metade dos trabalhos já foram publicados e/ou apresentados em eventos científicos. Os eventos científicos nacionais têm sido os principais locais utilizados para esta divulgação, por meio das publicações em seus anais ou das apresentações. A internet praticamente não é usada como meio de divulgação. Apesar das exigências crescentes das políticas públicas de ciência e tecnologia, acrescidas de novas reivindicações do Ministério da Educação quanto à classificação dos cursos médicos¹⁹, a avaliação da produção científica do corpo docente da UPE no período de 1996 a 1998, realizada pelo Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Superior, encontrou o valor de 0,54 produção científica por docente/ano. A submissão pela FCM e aprovação pela Capes de novos cursos *stricto sensu* acenam para o crescimento gradual da produção científica de alguns grupos de pesquisa.

Apesar de tudo, de modo bastante otimista, é possível reconhecer o envolvimento da UPE no processo de construção de uma universidade moderna, cuja atuação seja pautada pelos ensinamentos de Jaspers *apud* Luckesi¹⁹

Ensinar é participar do processo de pesquisa. Só o homem voltado para a pesquisa pode realmente ensinar; do contrário, ele reduz seu trabalho a transmitir um pensamento inerte, mesmo sendo pedagogicamente ordenado, no lugar de comunicar a vida do pensamento.

Ou seja, de uma universidade mais próxima das aspirações daqueles que sabem, assim como Demo³ e Freire², que é preciso superar a monotonia da repetição parasitária, fazendo com que os alunos aprendam a andar com os próprios pés. Comprometida, portanto, com a preparação de profissionais capacitados para lidar com a excelência científica, a habilidade técnica e a dimensão relacional da prática médica.

REFERÊNCIAS

1. Lampert JB. Formação Médica. In: Lampert JB. Tendências de Mudanças na Formação Médica no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2002, p 31-62.
2. Freire P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
3. Demo P. Introdução à Metodologia Científica. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1987.
4. Guimarães J. A Pesquisa Médica e Biomédica no Brasil. Comparações com o Desempenho Científico Brasileiro e Mundial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2):303-327,2004
5. Comissão Interinstitucional de Avaliação do Ensino Médico (CINAEM). Transformando a Educação Médica Brasileira: Projeto CINAEM III Fase: relatório 1998.
6. Conselho Federal de Medicina (CFM). Perfil dos Médicos: A Formação Profissional dos Médicos. *Jornal Conselho Federal de Medicina* 1997; 84: 11-21.
7. Guimarães R. Bases para uma Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2):375-387, 2004
8. Venturelli J. Programas Educacionais Inovadores em Escolas Médicas: Capacitação Docente. *Rev. Bras. Educ. Med.* 2001; 25: 7-21.
9. Facchini LA; Piccini RX; Santos RC. Aspectos Históricos e Conceitos em Educação Médica. Disponível em <http://www.infonet.com.br/camed/sysadmin/download/arquivos> Acessado em 27/11/2002.
10. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases. Lei 9394/20 de Dezembro de 1996. Disponível em <http://www.mec.gov.br> Acessado em 05/05/2003.
11. Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Pernambuco (FCM/UPE). Projeto de Mudança Curricular do Curso de Medicina (Promed). Anexo IV. Recife, 2002.
12. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
13. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sobre a UFPE – Indicadores. Disponível em: <http://www.ufpe.br> Acessado em 15/02/2003.
14. Coordenação de Avaliação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Avaliação dos Mestrados e Doutorados Reconhecidos. Disponível em: <http://www.capes.gov.br> Acessado em 08/10/2003.
15. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fomento à Pesquisa: Investimentos Realizados segundo as Instituições. Disponível em: <http://www.cnpq.br/serviços/estatísticas/historicas.htm> Acessado em 03/11/2004.
16. Universidade de Pernambuco – Resolução CEPE Nº 021 / 95, datada em 07/12/1995.
17. Coordenação de Avaliação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Critérios de Avaliação: 15 – Medicina. Disponível

em: www.capes.gov.br/distribuicaoarquivo/avaliacao/arquivo/2000/criterios/2000 Acessado em 05/04/2003.

18. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Superior. Avaliação das Condições de Ofertas dos Cursos de Medicina, FCM/UPE, 1999. Pg. 86.
19. Luckesi C, Barreto E, Cosma J, Baptista N. Fazer Universidade: Uma Proposta Metodológica. Capítulo II. Cortez Editora, 1996. Pgs. 29-44.

Endereço para correspondência

Maria Helena Kovacs, MD

Faculdade de Ciências Médicas / UPE

Coordenadoria de Pós-Graduação – CPG

Rua Arnóbio Marques, 310 – Santo Amaro

50100-130 – Recife – PE

e-mail: promed@fcm.upe.br